



EDITORIAL

O presente número representa um importante marco para a história da Acta Scientiarum: Human and Social Science, nele concretizamos uma mudança de escopo há muito desejada e planejada. Pretendemos que a partir deste número esta revista seja um veículo de difusão e debate de ideias e temas propriamente filosóficos e ligados às Ciências Sociais, dando visibilidade às discussões relevantes dessas áreas. Com muita satisfação passamos à apresentação dos artigos que compõem este número agrupando-os em duas sessões, que agora se tornarão permanentes: a de Ciências Sociais e a de Filosofia.

Abrindo a seção de Ciências Sociais temos o artigo “Mercado de trabalho e vulnerabilidade ocupacional na região metropolitana do Cariri”. Nele, os autores Evanio Mascarenhas Paulo, Christiane Luci Bezerra Alves e Valéria Feitosa Pinheiro analisam os níveis de vulnerabilidade ocupacional em uma região caracterizada, principalmente, pela informalidade intercalada com o baixo rendimento das famílias, a região metropolitana do Cariri.

Na sequência temos o artigo de Marcela Caroline Pereira e Augusta Pelinski Raiher, “A prática esportiva feminina no Brasil: ênfase na condição de pobreza”, cujo foco é investigar os elementos que interferem na prática esportiva enfatizando as categorias de gênero e classe social. As autoras concluem, após análise de dados, que as mulheres brasileiras possuem dificuldades para a prática esportiva devido, destacadamente, à construção cultural do gênero feminino no campo esportivo e sua posição atual diante das múltiplas atividades cotidianas as quais têm que se dedicar.

O artigo “De la democracia fragmentaria al Ubuntu africano: aportación de los movimientos afrodescendientes a la democracia relacional en América Latina”, escrito por Jorge Rafael Ramírez e Lourdes Consuelo Pacheco Ladrón de Guevara, traz a discussão e análise do Ubuntu e da filosofia tradicional africana como um aporte para pensar a fragmentação da democracia na América Latina. Nesse artigo os autores ressaltam o papel dos movimentos e organizações afrodescendentes em assumir uma luta política e ética em nome de uma democracia relacional. Entre as conclusões apresentadas pelos autores está a defesa da ideia de que a construção de um projeto de sociedade comunitária deve ser incentivada. Nesse sentido, apresentam o caminho ético e democrático do Ubuntu e da filosofia tradicional africana como uma rota de desconstrução das estruturas políticas e sociais vigentes.

Encerrando a seção de Ciências Sociais apresentamos o artigo de Donovan Casas Patino, Alejandra Rodríguez Torres e Edgar C. Jarillo Soto, “Flexibilización, precarización laboral y burocracia en salud: tres determinantes de desprofesionalización médica”. Analisa-se aqui o processo de profissionalização para a produção de conhecimento autônomo especializado os autores discutem a profissão médica e seu uso ideológico por parte do Estado. A questão central é impacto que as políticas neoliberais causam sobre as profissões, em especial sobre a profissão médica e sobre os profissionais da saúde, bem como investigar os impactos dessa política nos serviços de saúde tanto em relação aos aspectos humanos quanto aos recursos materiais.

A seção especial de Filosofia celebra a parceria da Universidade Estadual de Maringá com a Università degli Studi di Napoli “Federico II” e com a Università di Bologna. Os artigos aqui reunidos são fruto da gentil colaboração de eminentes estudiosos italianos da filosofia de Giambattista Vico (1668-1744), os quais se propuseram a esclarecer e aprofundar sua reflexão filosófica a partir da leitura atenta de suas primeiras grandes publicações, o *De nostri temporis studiorum ratione* (1709) e o *De antiquissima italorum sapientia* (1710). Os leitores e pesquisadores lusófonos da obra de Vico têm agora à disposição um belíssimo conjunto de ensaios traduzidos para o português sobre as origens do pensamento e das primeiras grandes ideias filosóficas desse admirável filósofo italiano.

A reflexão sobre a natureza humana é uma constante da filosofia de Vico e a perspectiva de sua historicidade é a chave de leitura de Claudia Megale em seu “A origem do historicismo viquiano: temas e pontos-de-vista do *De Ratione*”. A historicidade das coisas e das ideias permite à autora revelar que a historicização não é só uma estratégia de abordagem filosófica extremamente moderna desenvolvida por Vico desde os seus primeiros escritos, mas também a única via possível para a compreensão das reviravoltas,

das inflexões e da evolução do próprio pensamento do filósofo napolitano. Desde o início, a natureza e a situação do homem dentro dela foram examinadas à luz da sua existência histórica. A crítica à soberba dos modernos, à uniformização dos métodos, à razão abstrata e ahistórica, e a valorização da experiência, do verossímil, do fazer humano e do sentido ético e político da sabedoria dos antigos, não são apenas opções teóricas ligadas à historicização do saber e dos seus métodos, mas também escolhas político-culturais ligadas às discussões sobre a modernização da universidade e da estrutura estatal de Nápoles, frente às quais Vico desenvolve desde cedo, mesmo antes do *De nostri temporis studiorum ratione*, uma atitude sincrético-universalista capaz de elaborar uma proposta de sabedoria moderna produtora de consciência histórica apropriada ao contexto do vice-reino de Nápoles.

Destaca-se nos primeiros textos de Vico especialmente a proposta de um ideal de sabedoria no contexto da modernidade. Como bem explicita Riccardo Caporali em seu “Sabedoria e Política no *De ratione*”, a ideia de sabedoria é o foco das *Orationes* de Vico, isto é, das aulas inaugurais ministradas por ele, como professor de retórica, por ocasião da abertura do ano letivo na *Università degli Studi di Napoli Federico II*. Também testemunhada por sua Autobiografia, prevalece em Vico, desde o início, a preocupação com a sabedoria e com a passagem desta ao empenho civil. Em sua sétima *Oratio*, proferida em 1708 e publicada em 1709 com o título *De nostri temporis studiorum ratione*, da sabedoria por meio da prudência passa-se à política e desta ao direito. A célebre crítica ao método e ao mentalismo cartesiano encetada nesse discurso não abala a unidade entre ciência, prudência e eloquência nem a unicidade da verdade frente à defesa da pluralidade dos instrumentos para alcançá-la. O verossímil não suplanta a veritas, a prudência não substitui a ciência. Mesmo com a ênfase passando da crítica à tópica e da mens ao animus, o sábio e a verdade estão no comando. O sábio é o que vê o bem comum, isto é, o universal no particular. Vico questiona o método cartesiano e seu distanciamento do mundo civil, mas não o primado da sabedoria e a necessária passagem da metafísica à política.

A discussão pedagógica sobre o método e a função da sabedoria invade o terreno da discussão sobre o perfil de racionalidade e subjetividade que lhe sustenta. Seus pressupostos são melhor delineados e aprofundados no livro metafísico de Vico, *De Antiquissima Italorum Sapientia* (1710), no qual ele procura refutar, entre outras coisas, a estrutura e a fundamentação do cogito cartesiano e suas consequências epistemológicas. As implicações metafísicas de uma tal empreitada são expostas e analisadas por Geri Cerchiai em seu “*O acerrimus Malebranchius. Vico, o De Antiquissima Italorum Sapientia e Malebranche*”, no qual ele demonstra como Vico se aproveita da abordagem de Malebranche sobre o cogito para romper as próprias coordenadas metafísicas e epistemológicas do racionalismo cartesiano fundado no indivíduo. Uma vez que o cogito não corresponde a uma ciência da existência, mas é simplesmente um “sentimento interior”, conforme o próprio Malebranche, então, para Vico, ele não pode fornecer o critério das ciências. Ao invés da divisão racional da realidade, Vico toma como ponto de partida a constatação de sua complexidade. O cogito, assim, é fruto da intrínseca relação mente/corpo formada por uma estrutura complexa (mens, animus e anima) que se equilibra entre a infinitude de Deus e a finitude de sua condição, entre o impulso livre ao infinito e o condicionamento do mecanismo corpóreo.

Mas o encontro com Bacon no *De nostri temporis studiorum ratione* parece bem mais promissor se considerados os temas de fundo e suas motivações, indicados e articulados por Manuela Sanna em seu “*O encontro com Bacon na composição do De ratione*”. Antes de mais nada é preciso ponderar que as leituras e as interpretações de Vico não têm garantia de fidelidade e de correção, são condicionadas por interesses práticos e intelectuais específicos do autor e do seu contexto. A imagem de uma modernidade ambígua acometida pela *hybris* da ambição desmedida, em relação à qual é preciso ter cautela, não parece invalidar a suposta influência exercida desde cedo por Bacon como filósofo da síntese de conhecimentos. Vico encontra Bacon na medicina e aprofunda a relação desenvolvida por este entre método tópico e método indutivo. O “fio de Ariadne” para sair do labirinto da natureza, imagem explorada por Bacon, não deve ser o método geométrico dos cartesianos, que satisfaz a faculdade judicativa, mas a experiência, que promove a faculdade inventiva. No centro de sua proposta de inovação e invenção científica está uma reflexão com traços baconianos sobre a interação do engenho com a memória, no sentido de que as novidades são indissociáveis de desenvolvimentos e ampliações de coisas já sabidas, de modo que o inventar se cruza com o reencontrar.

O sentido político-cultural do *De nostri temporis studiorum ratione* é amplamente examinado por Fabrizio Lomonaco em seu “*Um método novo para a ciência do homem moderno*”. Tendo evocado a *Querelle des anciens et des modernes* e inspirado pelos ares antidogmáticos que sopravam em Nápoles de então, Vico encontra um ponto-de-vista novo para o confronto crítico entre antigos e modernos com o

intuito de vislumbrar perspectivas de desenvolvimento. A questão da metodologia, âmbito privilegiado para a discussão da unificação dos saberes e do sentido geral da sabedoria, pareceu a Vico ter sido decidida em favor das ciências naturais e das matemáticas. Diante de uma certa desorientação cultural causada pela instabilidade política e também pela pluralidade de epistemologias decorrentes do desmembramento e da especialização dos saberes modernos, Vico recupera a filosofia humanista, a tópica, valoriza o senso comum e as faculdades cognitivas ligadas à corporeidade, convencido de que o método não deve reduzir a sabedoria a um processo racional dedutivo puramente mental, isolado do corpo, da palavra e da ação, incapaz de inventar as premissas necessárias para lidar com a prática da vida civil e com a disparidade de opiniões na sociedade humana. Sua proposta antidogmática de uma nova *ratio studiorum* para o seu tempo tem um claro apelo à prática, sobretudo lá onde o cartesianismo parecia insuficiente, isto é, na relação entre a ciência e o mundo humano, entre a cultura e a sociedade.

A crise da sabedoria no ambiente napolitano e a postura crítica de Vico tornam-se tanto mais profundas quando se reconhece que nem a polêmica contra o método cartesiano, nem o apelo à prática e à experiência, tampouco a escolha de Bacon como um dos seus quatro autores cardeais correspondem a uma reverência cega à figura do grande empirista inglês, campeão dos modernos, ou uma filiação automática tida como a melhor alternativa para a modernidade. É o que demonstra Romana Bassi em seu “Vico e a objeção moral dirigida a Francis Bacon no *De ratione*”, segundo o qual a crítica anticartesiana, entendida como contribuição aos debates da *Querelle des anciens et des modernes*, foi erroneamente interpretada como consequência da adesão irrestrita ao projeto filosófico de Bacon. Tem sido menosprezado amiúde que o *De nostri temporis studiorum ratione* começa, antes mesmo de rebater alguns pressupostos do método cartesiano, justamente com a crítica a Bacon e a um aspecto nada secundário de sua filosofia, a saber, seu projeto de instauração do reinado do homem sobre a natureza. Vico critica, usando sintagmas e fórmulas baconianos contra o próprio Bacon, não exatamente a violência que podem acarretar as experiências científicas, mas a *hybris* que decorre do desejo de subordinação da natureza, indiferente à inexorável finitude do conhecimento e do poder humanos.

Por fim, cumpre agradecer especialmente a imensa paciência e dedicação prestadas pelos autores para que essa seção de Filosofia viesse à luz, bem como o apoio institucional do Grupo de Estudos da Filosofia de G. Vico da Universidade Federal de Uberlândia, coordenado pelo professor Sertório de Amorim e Silva Neto, além dos convênios da Universidade Estadual de Maringá celebrados com a *Università degli Studi di Napoli Federico II*, representada pelo professor Fabrizio Lomonaco, e com a *Università di Bologna*, representada pelo professor Riccardo Caporali.

Esperamos que este belo número seja recebido com o entusiasmo e cuidado que nos moveu em sua realização. Boa leitura!!!!

Vladimir Chaves dos Santos
Max Rogerio Vicentini
Patrícia Coradim Sita

Acta Scientiarum. Human and Social Sciences